

MUSEU DA PESSOA

História

A gente tem coleta de porta

História de: [José Luiz Estácio](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 29/08/2005



Tags

- [cooperativismo](#)

História completa

P1 - Estácio, eu queria que você começasse me dizendo o seu nome completo, a data e o local de nascimento.

R - Meu nome é José Luís de Oliveira Estácio. A data de nascimento é 20 do cinco de 54. Eu sou do Estado do Rio de Janeiro. P1 - E eu queria saber com o que é que você trabalha?

R - Eu trabalho com materiais recicláveis, tá? Plástico, papel, vidro, metais. Nós coletamos esses materiais, fazemos a separação desse material, trançamos e encaminhamos para a indústria. P1 - Você é catador desse material?

R - Isso. Sou catador desse material. Quer dizer, hoje eu estou presidente da cooperativa no Rio de Janeiro, chamada Riocoop [Cooperativa de Reciclagem e Coleta Seletiva] e faço parte do trabalho de uma rede independente de catadores do Rio de Janeiro que chama Ricamare [Rede Independente de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis]. E faço parte também pelo Movimento Nacional de Catadores, sou presidente

no Rio da comissão dos catadores. P1 - E voltando um pouquinho. Aí você é catador há quanto tempo?

R - Eu trabalho nessa área de resíduo há 23 anos. Há 23 anos que eu trabalho com resíduo. P1 - E como é que foi a primeira vez? Qual que foi? Da onde surgiu o começo?

R - Eu queria, eu estudei, fiz um curso no SENAI, né? Na época lá, e aí comecei a trabalhar com plástico. Me interessei, né? Me aprofundar mais nesse sentido. Aí comecei a estudar. Depois fiz desenho mecânico, desenhista projetista. Já trabalhei fazendo molde para indústria de plástico e tudo mais. E depois houve a idéia de montar uma cooperativa. Então eu fiz na época, eu sou aqui da região de Curitiba, da faculdade, vi a viabilidade do projeto, ia dar certo e tudo o mais. E aí fiz um curso de cooperativismo, me formei em cooperativismo. E aí depois reuni um grupo de pessoas desempregadas. Levei a idéia para as pessoas. P1 - Você é que teve a idéia de ser da cooperativa?

R - Isso, isso. Eu fui fundador. É lógico que as pessoas estavam desempregadas também, estavam sem rumo e aderiram à proposta. Aí levamos assim um ano para sair do papel, mais um ano para documentar. Porque não tinha apoio dos meus empregados. Como é que alguém ia pagar os documentos se ninguém tinha dinheiro, entendeu? Aí eu fui em uma audiência pública, encontrei um diretor de uma empresa nessa audiência pública e expus o projeto pra ele num pedaço de papel. E ele falou: "Olha, me procura na segunda-feira porque eu vou ajudar você. Gostei de você, acho que você tem talento e eu vou apostar em você.". Aí ele foi: "O que é que você precisa?". Até hoje eu me lembro: "Eu preciso de um saco de lixo, eu preciso de luva. Eu preciso de alguém que pague para mim um caminhão por semana porque vai chegar material.". Então ele começou a bancar uma vez por semana a coleta do material, tá? E aí começamos a expandir. Aí eu comprovei para ele que tinha que ser duas vezes porque uma não estava dando mais. E então ele começou a pagar duas vezes por semana esse caminhão, né? Caminhão é alugado. E da venda do material, eu conversei com ele e: "Olha, nós já podemos pagar mais um dia por conta própria.". E aumentou mais o volume. Aí foi começando. Hoje, começamos a coletar material direto, mensal, vinte dias. Resumo, aí eu fiz um projeto e ele já sentiu que daria para nós pegarmos um caminhão. Então ele doou o caminhão para a gente. Doou o caminhão para a gente e daí nós partimos para o caminho. Aí alugamos um galpão maior e começamos a fazer o trabalho. Hoje já temos quatro caminhões alugados, temos um caminhão próprio. Hoje nós estamos com uma área que tem 7400 metros quadrados no Rio de Janeiro. P1 - Onde é que vocês começaram? Que rua que foi a primeira?

R - Nós começamos na casa de uma cooperada. Fundo de quintal. Não tinha prensa, amassava as garrafas de plástico com o pé, contava no saco e vendia para o atravessador. Hoje já temos prensa, já temos. Já tem tudo o que você possa imaginar. P2 - Quantas pessoas que começaram?

R - 24 pessoas, tá? E hoje praticamente hoje eu sou uma referência a nível do Rio de Janeiro. Aí busquei parceria com algumas empresas. Hoje quer dizer, praticamente nos projetos as empresas também bancam. Elas pagam o nosso barracão, ou às vezes ajuda a pagar os caminhões, tá? A gente movimenta o quê? Por ano, 300, 500 mil reais por ano, só de venda de material ali. Então a gente não é uma pequena empresa, a gente é uma média empresa, entendeu? Agora o difícil também é você falar com as pessoas. Quando você, entre aspas, é empregado é uma coisa; quando você passa também a gerir o seu próprio negócio, você vê que a dificuldade é grande para caramba, tá? Porque eu tenho essa dificuldade porque o meu potencial é trabalhar com reciclável, com lixo. Mas ali é empresa. Também tem que administrar a empresa. Então ou cuida da parte técnica do assunto ou cuida da parte da cooperativa. Então essas coisas que tem que estudar um pouquinho dessa técnica de finanças, custo fixo, custo variável. Aprofundar porque senão você vai e você não está acompanhando e leva até uma rasteira dos outros, entendeu? Então, eu sou uma pessoa que tem uma noção boa das coisas e tudo o mais. Eu sou muito procurado lá no Rio de Janeiro, entendeu? O pessoal de São Paulo sempre me chama para fazer palestra em algumas empresas. Eu já dei palestra aqui no FENAI - que é a Feira Internacional de Meio Ambiente Industrial - para 300 empresários. Nisso eu consegui a parceria do High Tech lá em São Paulo. Depois fui para Pernambuco e fiquei três dias palestrando também em Recife. P1 - Entendi.

R - A minha vida é complicada. Muito complicada mesmo. P1 - E aí hoje em dia a coleta seletiva dessa região que vocês cobrem, você tinha mencionado quanto? Qual o tamanho? São vários bairros?

R - Grande Rio. P1 - Grande Rio inteiro?

R - A gente trabalha com cinco caminhões, porque tem a coleta dos postos de gasolina. Estamos trabalhando com algumas empresas, pode falar o nome da empresa? P1 - Pode, claro. Fica à vontade.

R - A gente foi para a IBM no Rio de Janeiro, com a Petroflex, eles doam material para a gente. Então faz o caminhão pegar os materiais. E pegam de condomínio. Na zona sul, em Copacabana, eles doam material para a gente. E tem a comunidade que entrega na porta. E parceria com igrejas, moradores que também mandam para a gente. Então a gente tem coleta de porta, que o pessoal de rua que entrega. Tem mais dirigida às indústrias, tem a dos condomínios e tem quando alguma escola também, no Rio de Janeiro, que todo ano nosso projeto é "Bairro Consciência Bairro Limpo". Então esse foi um trabalho com escola, com educação ambiental e a cooperativa é que coleta esse material no Rio de Janeiro. Quer dizer, uma área como o sudeste também. Pegamos desde o Maracanã, pegamos material dentro do Maracanã quando tem evento, grandes jogos. Então nós temos uma gama de parceiros ou de empresa apoiadora que apoiam nosso trabalho. P1 - E se um catador quer fazer parte da cooperativa de vocês, da cooperativa, como é que funciona? Ele tem uma formação, uma capacitação? Como é que?

R - Olha, ele não acha muito. Antigamente era assim, fica três meses de experiência para se capacitar para depois dali ver se está apto ou não para surgir, para seguir caminho na cooperativa, entendeu? Eu abro espaço para outras cooperativas também. Quer dizer, eu faço parceria com cooperativa pequena que não tem caminhão, tem pouco material, nós vamos lá e fazemos uma parceria, depois pego o material, vendo e repasso para as outras cooperativas menores. Esse é o meu papel como liderança também da nacional e estadual. É ajudar a formar novas cooperativas e associações e dar suporte às outras cooperativas, para não ficarem na mão de atravessador. P1 - E quando é que você entrou em contato com o movimento nacional mesmo?

R - Olha, foi em um congresso em 2000. Foi o meu primeiro congresso. O Congresso Nacional dos Catadores, em Brasília, tá? E lá eu fui eleito pela categoria para ser representante deles. Os catadores que me elegeram como representante. Houve a votação e eu fui eleito para representar a nossa categoria, dos catadores. P1 - E o que é que você achou assim do movimento da amplitude nacional assim?

R - Ah, é gratificante é, porque você sabe que a gente não ganha nada com isso. É luta, é um processo de luta, a comissão já está bem avançada. Hoje um catador já está no código, no CBO, no Código de Ocupação Brasileira e é reconhecido como profissão, o catador. Nós lutamos por isso e é hoje o catador de material reciclável, está marcado lá. Então foi um ganho nosso. Nós estamos buscando ajuda assim até recurso para bancar para as viagens, para capacitar as cooperativas. Porque sem recurso a gente não consegue fazer nada. Então a nossa luta é com o governo federal e estadual. Quer dizer, é um movimento, é um movimento assim apolítico, né? Nós queremos fazer o quê? Uma política organizada para voltar para o quê? Nós que somos representantes dos municípios dos estados, dos movimentos. Então nossa luta é por toda a categoria em geral. P1 - E o que é que você sonha para o movimento, assim. O que é que você gostaria que fosse daqui a 30 anos? Como é que você gostaria que estivesse?

R - O movimento? O sonho assim que eu penso do movimento é ser reconhecido por toda a classe da sociedade em geral. Pelo nosso esforço, a nossa luta. E ver um catador como um ser assim, um trabalhador comum e não como um pobre coitado, um marginal, que tá alheio às coisas e tudo o mais. Então nós temos é que é organizar o movimento e ter assim representatividade perante o governo e a sociedade dizer. Essa é nossa vantagem. P1 - Legal. Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer e que a gente não tenha perguntado?

R - Não, não... O que eu posso falar é assim. Que é importante, tá? Eu acho assim a coisa da imprensa. Que nem você também está levando esse depoimento para outras pessoas que também ter acesso. É importante, entendeu? A imprensa em si que ajude a gente a divulgar o nosso trabalho também. Se não fosse a imprensa ou vocês também que fazem esse tipo de matéria, fica complicado, entendeu? Então só tenho a agradecer vocês por essa cobertura e tudo o mais. P1 – Obrigada, Estácio.